

Crianças Ilustram Azulejos com Direitos Fundamentais Europeus

Por MARIANA OLIVEIRA
Domingo, 07 de Março de 2004

As impressões digitais de duas mãos simbolizam o direito à protecção de dados pessoais. Uma face, metade feminina e metade masculina, a igualdade. Duas crianças a brincar e uma planta sorridente, a protecção do ambiente. Estes são alguns exemplos das ilustrações em azulejos que os pequenos artistas, alunos do ensino básico, secundário e profissional, fizeram sobre a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia (UE). O convite veio do Centro de Informação Europeia Jacques Delors (CIEJD), que chamou ao projecto "Inscrever a Europa nos muros da cidade".

A ideia surgiu o ano passado no rescaldo das comemorações do 9 de Maio - Dia da Europa. Nessa data o CIEJD, em colaboração com o Centro Cultural de Belém, convidou Françoise Shein, uma artista com uma vasta experiência no domínio dos direitos do Homem, para trabalhar com jovens de diversas escolas de Lisboa sobre a Carta dos Direitos Fundamentais.

O sucesso resultou numa extensão e adaptação do projecto. Foi concebido um "atelier" itinerante, com o objectivo de levar a consciência da cidadania europeia junto das populações. No final, os azulejos ilustrados são incluídos num painel que é exposto num local público da cidade, que passa a integrar a rede "Inscrever a Europa nos muros da cidade".

"É preciso que as pessoas conheçam os direitos que unem os povos europeus e traduzem o conceito de cidadania europeia. Os jovens são um bom público alvo, porque além de serem mais sensíveis a estes temas são multiplicadores de informação, mobilizando a família e toda a comunidade escolar nos projectos em que se envolvem", justifica Margarida Cardoso, administradora do CIEJD, ao defender que a sensibilização neste campo é especialmente relevante.

"O último Eurobarómetro revela que os portugueses são os cidadão da UE que se sentem menos europeus. Cinquenta e um por cento não reconhece sequer a cidadania europeia", realça.

Porto, Serpa, Alcabideche e Tondela

O projecto arrancou no ano passado e, até agora, quatro localidades já foram contempladas com a iniciativa. Porto, Serpa, Alcabideche e Tondela compõem a lista. Seguem-se Tomar e Guimarães. Este ano está ainda prevista a concretização de "ateliers" em pelo menos mais duas cidades. Como objectivo Margarida Cardoso não esconde que gostaria de ver um painel em cada distrito.

A iniciativa conta com a parceria da associação Inscire - Escrever os direitos humanos, da qual Françoise Shein é fundadora, e da Animar, uma federação que congrega mais de 70 associações de desenvolvimento

local, em todo o país. O patrocínio da Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário dos Direitos do Homem tornou viável o projecto.

"O nosso papel é mobilizar as organizações à escala local", explica David Machado, um dos dirigentes da Animar, ao referir que a dinamização tem sido fácil. "O impacto é elevado porque as cidades vêm-se dignificadas por participar numa rede nacional", avalia.

Françoise Shein também faz um balanço muito positivo: "No início os miúdos não tinham a mínima ideia do que era a Carta, mas passadas poucas horas conseguiram compreender com alguma profundidade os artigos. É muito engraçado ver a progressão do conhecimento".

Quanto aos artigos mais concorridos para as ilustrações, a protecção do ambiente ganha a corrida. "Todos queriam escolher o respeito pela natureza e pelo meio ambiente", constata a artista.

A solidez da aprendizagem é comprovada por Paula Silva, professora do Colégio Luso-Francês, no Porto, uma das instituições que participaram no projecto. "Nenhum aluno conhecia a Carta dos Direitos Fundamentais, mas a empatia com Françoise foi muito grande e em pouco tempo eles apreenderam muito. Agora já distinguem a expressão União Europeia do conceito de Europa", exemplifica a docente do ensino básico. E completa: "O entusiasmo foi muito e, por isso, a experiência ficou bem marcada. Esta é a forma ideal de ensino: muito natural e saudável".

Apesar de as crianças serem os "principais clientes" do projecto, não foram os únicos. Em Serpa, um curso de formação profissional em azulejaria para mulheres também aderiu à iniciativa. Margarida de Araújo, uma ceramista que deu apoio ao "atelier", descreve a reacção da participantes: "No início estavam muito apreensivas, muitas até pensaram em faltar. Mas depois perceberam que a Carta dos Direitos Fundamentais fala de uma realidade que faz parte do seu dia-a-dia e acabaram por gostar muito".

Para o futuro? "Gostaria de alargar a rede 'Inscrever a Europa nos muros da cidade' a outros países europeus, nomeadamente do Leste", refere Françoise Shein. Margarida Cardoso concorda: "Exportar o projecto é uma boa ideia; além disso, o azulejo dá um toque bem português".

Françoise, a Artista

Por M.O.

Domingo, 07 de Março de 2004

Arquiteta urbanista de formação, há muito que Françoise Shein trocou as plantas pelas artes visuais. Os últimos 15 anos de vida foram dedicados aos direitos humanos. Paris, Bruxelas, Lisboa, Haifa, Berlim, Estocolmo, Rio de Janeiro e Bremen são algumas das cidades em que deixou a sua tatuagem. As estações de metro, locais de circulação diária, oferecem a esta fundadora da Inscire - Escrever os direitos humanos, a democraticidade procurada, numa arte que quer pública. A estação de metro do Parque em Lisboa é disso exemplo. No Rio de Janeiro, as favelas foram o alvo. "A arte deve ter um papel educativo. Normalmente os artistas acentuam sempre o domínio crítico da vida, mas também é preciso construir", defende, ao atribuir à arte uma dimensão ética e social. "Os artistas não servem para decorar", reforça. Cabul, no Afeganistão, é o projecto que se segue. Inscrever os direitos humanos nas paredes do estádio onde os talibãs faziam as suas execuções é o desafio. Na mala leva o humanismo e uma esperança: "Sobreviver ao projecto".